# O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

**Preços: (com estampilha)**
Anno, 3$540 réis — Semestre. 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

**Preços: (sem estampilha)**
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

**NUMERO 128** | **TERÇA-FEIRA 23 DE SETEMRBO DE 1862** | **SEGUNDO ANNO**


## AVEIRO

O governo decretou a suspensão das garantias no districto de Braga. As repetidas alterações da ordem naquelle districto, o receio de que o pronunciamento, que ultimamente abortou, tivesse extensas ramificações, levaram talvez o governo a tomar tão inergica providencia. Sem graves e ponderosas rasões, não é de crer que se pensasse em a promulgar, pela importante significação que tem em politica, e pelas consequencias mais importantes, que ainda podem seguir-se-lhe.

Sempre que, nos governos representativos, se torna preciso alterar o principio constitutivo da sociedade politica, e arrebatar a todos, ou a uma determinada porção de cidadãos os seus foros constitucionaes, deve suppôr-se que existe um perigo imminente, uma conflagração temerosa que é preciso combater com as mais severas e promptas providencias para salvar a republica. Neste caso a inergia é a virtude dos governos.

Estará o paiz, ou alguma parte delle, em tão extraordinarias e anomalas circumstancias? E' o que convem estudar detidamente antes de decidir. Nós não temos, não tem realmente ninguem diante de si, os documentos, as provas, as informações confidenciaes, pelas quaes se decidiu o ministerio, e se convenceu o conselho de estado da indispensabilidade de suspender para os habitantes do districto de Braga as garantias concedidas pela Carta. Assegura-se ahi que nenhum motivo existia para similhante resolução. Faz-se d'isso capitulo d'accusação ao ministerio. Quaes são, porem, as provas que podem adduzir-se por parte da accusação? De certo nenhumas. E' por em quanto impossivel formar juizo seguro. Pode haver suspeitas de que o governo foi precipitado. Mas nada mais.

A parcialidade com que alguns jornaes d'opposição começam já a tratar deste assumpto, revela a pouca sinceridade dos seus intuitos. Nós concebemos, todavia, que a medida excite repugnancias, e seja antipathica para muitos. Confessamos com franqueza que o é tambem para nós. Peza-nos que o governo fosse obrigado a adoptal-a. Quereriamos que nunca, em nenhum tempo, para acudir a nenhum perigo da republica, fosse preciso violar de similhante modo o principio fundamental da constituição politica. Cavour demonstrou que isto era possivel, governando a Italia, no meio da maior effervescencia politica, com todas as regalias constitucionaes. Este é inquestionavelmente um dos mais relevantes titulos que tem de veneração da posteridade a memoria daquelle grande homem.

A suspensão das garantias é a decretação do arbitrario; a subordinação da lei á vontade dos executores; a incerteza, a desconfiança, o pavor espalhado entre homens costumados a viver á sombra das mais franças exempções politicas. E' portanto motivo sobejo para descontentamento. O poder arbitrario é, na ordem moral, o que seria o acaso na ordem phisica, e ninguim pode deixar de lamentar que, para acudir a um perigo momentaneo da republica, seja preciso pôr a propriedade e a vida dos cidadãos á mercê de um acaso infeliz.

Disse um auctor antigo (Arist. na sua *Pol.*) «que o governo da lei valia mais que o governo de um homem.» A suspensão das garantias, nos governos representativos, equivale á proclamação da doutrina contraria. E' o governo da lei valendo menos que o governo do homem, porque, supposto que o homem seja responsavel pelas suas acções perante a lei, ninguem salva os cidadãos dos excessos que elle possa commetter no exercicio dos illimitados poderes que por aquelle decreto lhe são confiados.

Os habitantes do districto de Braga tem ao menos a vantagem de terem sido esses poderes conferidos a um cavalheiro, cuja illustração e cordura, modificam sensivelmente as apprehensões que deviam originar-se da natureza da sua missão, e da situação excepcional em que vem governal-os. O sr. general Passos, tenente de S. M. nas provincias do norte, é muito respeitador dos principios constitucionaes, para que não só não exorbite, mas contribua quanto seja possivel, para que não padeçam innocentes, nem o arbitrio da auctoridade prejudique a segurança dos cidadãos.

Nós confiamos que o governo se apressará a restituir ao districto de Braga as franquias concedidas pelo codigo fundamental da monarchia, logo que cessem os motivos que o levaram a suspender-lhas. E esperamos que esses motivos sejam presentes ao corpo legislativo para podermos apreciar a prudencia com que procedem. E nós que por em quanto achamos mal cabida qualquer censura que se lhe faça, promettemos já ser severos nessa apreciação, porque entendemos, repetimos, que só graves e ponderosas rasões podiam dictar tão séria e importante resolução.

A. P.

---

Pespontaremos ainda algumas phrases (visto não nos concederem que tenhamos rasões para adduzir) para sustentarmos a opinião que emittimos sobre a interpretação do artigo 223 do Cod. Administrativo.

O *Campeão* fundamenta o impedimento do sr. governador civil na sua estada em Sever do Vouga a conhecer dos tumultos do dia 15 d'agosto, e quer portanto que se désse o caso previsto no artigo citado. Argúe que s. ex.ª funccionava como governador civil só para a investigação dos individuos implicados nesses tumultos.

Hão de dispensar-nos: a nossa duvida subsiste. O sr. Bazilio Cabral funccionando como governador civil, fosse para o que fosse, não podia dar-se ao mesmo tempo como impedido de exercer aquelle logar. O Codigo não faz distinções. Não diz «quando o governador civil estiver empregado n'este ou n'aquelle serviço, tomará conta da administração do districto o conselheiro mais velho.» Legisla só para o caso de impedimento. Dava-se esse impedimento? Não. Porque, segundo confessa o proprio advogado da doutrina contraria, o sr. Basilio Cabral estava funccionando como governador civil em Sever do Vouga.

E' ou não Sever do Vouga uma parte do districto d'Aveiro? Se é, como não pode negar-se, a menos que aquelle concelho não fosse repentinamente passado a outro districto extranho, hão de confessar que o sr. Basilio Cabral esteve funccionando como governador civil dentro do seu proprio districto, em quanto que o sr. Francisco Thomé, na séde d'elle, presidia á abertura da junta geral, e praticava todos os actos proprios do cargo de governador civil.

E' o que o articulista exprime pelas seguintes palavras:

«O sr. Francisco Thomé dirigia a administração districtal em todas as suas variadas provincias — e o sr. Basilio occupava se em Sever do Vouga exclusivamente do assumpto criminal que alli o chamou.»

Muito bem. Se um em Sever do Vouga funccionava como governador civil para uma syndicancia, e em Aveiro outro funccionava tambem como governador civil, para dirigir todas as variadas provincias da administração, o que d'ahi resulta é que houveram, neste districto, ao mesmo tempo dois individuos funccionando como governadores civis. Isto é indubitavel, e é toda a nossa questão.

Mas argumenta o outro jornal da localidade:

«Em boa administração o que não é permittido, é suppor-se o absurdo de não haver uma entidade que presida ao serviço e o derija convenientemente. E se por ventura o sr. Basilio Cabral, Junior, sahisse em commissão para Sever do Vouga, e não deixasse em Aveiro quem fizesse as suas vezes, seria altamente reprehensivel esta falta, pois a machina administrativa devia forçosamente ressentir-se de tamanha imprevidencia.»

Nós não discutimos se a machina administrativa se ressentiria forçosamente da falta do sr. governador e do sr. secretario geral. Vá o elogio a quem toca. O que sabemos é que uma secretaria regularmente montada tem todos os meios de prover ao expediente, quando aquelles dous funccionarios superiores se ausentam para uma commissão dentro do districto. Diremos mais: que já em casos analogos, a machina administrativa tem ahi funccionado, *sem desarranjo*, e sem encommodar o conselheiro mais velho. O caso agora é que foi especial.

Ora o *Campeão* mofou um pouco de nós dizermos que o sr. Basilio Cabral e o sr. Francisco Thomé eram duas entidades distinctas, mas não se dignou responder-nos á nossa pergunta: se os dous em quanto tomavam parte ao mesmo tempo na administração superior do districto, eram iguaes ou dissimilhantes na hierarchia administrativa, e neste ultimo caso qual era o superior, e qual o inferior?

Diz-nos que o primeiro logar, segundo a lei, pertence ao governador civil, o segundo á junta geral, e o terceiro ao conselho de districto, concluindo que neste caso não havia superiores nem inferiores. O que nós desejavamos saber era diverso. Era se o sr. Francisco Thomé, investido do logar de governanor civil do districto, durante o periodo que dirigiu as taes variadas provincias da administração districtal, devia ser considerado na hierarchia administrativa, como inferior, superior, ou igual do sr. Basilio Cabral que estava em Sever do Vouga syndicando, como governador civil, dos succes sos do dia 15.

Esperamos que desta vez nos farão favor de responder.

O *Campeão* termina por um argumento d'auctoridade. Diz nos que, se não fosse verdadeira a sua interpretação do Codigo, o sr. Francisco Thomé, legista consummado, e com longa pratica de cousas administrativas, não se prestaria a assumir a administração superior do districto. Nós respeitamos muito a competencia do sr. Francisco Thomé, mas não podemos deixar de dizer ao articulista que se a sua rasão se contenta com argumentos desta ordem, se tem fé no *dixit magister*, nós talvez podessemos citar-lhe em favor da nossa opinião mais auctoridades do que aquellas com que poderá talvez authenticar a sua.

A. P.

---

Deve reunir-se ámanhã, quarta-feira, no edificio do governo civil, a commissão encarregada do projecto de reforma da divisão dos concelhos do districto.

Os trabalhos da commissão deviam assentar em uma base definida, que é provavel que lhe não seja ministrada, porque cremos que não existe; aliás não podem deixar de ser eivados dos vicios que se dão em todas as nossas reformas de divisão territorial, que são sempre imperfeitissimas, e tem algumas vezes o condão de pôrem as cousas peor do que ellas estavam.

Confiamos muito da illustração dos membros que hão de compôr a commissão, mas com a mesma franqueza confessamos que descremos do bom exito dos seus esforços. Todavia se a commissão fizer alguma cousa, e se lograr fazel-a com acerto, presta um grande serviço, corresponde á ideia da sua creação, e de certo aos vehementes desejos de todos, ou da maior parte dos seus membros.

A. P.

---

Andou ha cousa de dois mezes em estudos o traçado d'uma estrada da estação do caminho de ferro de Esmoriz á estrada real de Lisboa ao Porto.

O fim principal desta estrada era pôr em contacto o centro fabril de Paços de Brandão com as grandes arterias que atravessam o paiz.

Por essa occasião, fallamos aqui da conveniencia de levar a effeito esse melhoramento publico, e louvamos o governo pelo ter tomado em consideração. Não sabem, porem, que ventos contrarios mudaram depois a corrente das ideias na secretaria das obras publicas, porque despresados os estudos já feitos, consta que foi ultimamente ordenado para aqui que se confeccionasse novo projecto de estrada que, deixando ao lado as fabricas de Paços de Brandão, tomasse como ponto forçado a Villa da Feira. Dizem-nos que fora isto promovido por uma representação da camara municipal d'aquella villa.

Ninguem pode levar a mal que esta ou outra benemerita corporação pleiteie os interesses dos povos, seus constituintes. Mas neste caso não podemos, nem louvar o empenho, nem achar fundamentos rasoaveis á pretenção, figurando-se-nos até que a camara da Feira, no presupposto d'advogar os interesses d'uma parte do seu concelho, desconsidera os d'outra, que tem incontestavelmente mais direitos, a ser protegida.

O fim da estrada projectada é como já dissemos communicar o centro fabril de Paços de Brandão com a estrada real e o caminho de ferro. Se em lugar de o procurar, se affastar determinadamente d'esse centro, qual fica sendo o seu fim? A Villa da Feira dista da estação do caminho de ferro d'Ovar 10 kilometros de magnifica estrada. Communica com a estrada real por um outro lanço de estrada de 5 kilometros. Para que precisa pois de ser cortada ainda pela estrada de Esmoriz á estrada de Lisboa ao Porto? Verdadeiramente, para aquella villa é isto uma inutilidade.

Ao contrario Paços de Brandão, que contem dispersas em uma pequena area vinte e duas fabricas de papel, está isolado de toda a communicação facil com todos os centros de consummo. Tem de exportar laboriosamente os seus productos, e de subcarregal-os com pesadas e improductivas despezas de transporte. Ha ali uma industria que até hoje tem estado quasi desvalida de toda a protecção. Accenaram-lhe agora com um favor, que não era senão justiça, e já cuidam em arrebatar-lh'o!

Consintam-nos pois os dignos membros da vereação da Feira que não esposemos a sua opinião. O ponto forçado da nova estrada deve ser o centro fabril de Paços de Brandão. O projecto deve ser o já estudado que se bazea sobre esta consideração, e procurou abreviar e facilitar, segundo nos affirmam, a communicação entre o productor e o consummidor. Isso é o principal. Deixe a camara fazer a estrada como ella está projectada. E se ha no seu concelho alguma povoação que deva ser posta em immediato contacto com a sede d'elle, peça-o depois. Não julgue que nos opporemos a isso, porque, pelo contrario, entendemos, que não haverá verdadeiro progresso, em quanto o paiz não estiver todo cortado por boas vias de communicação.

A. P.

---

## A CRISE ALGODOEIRA

Com a devida venia trancrevemos a parte do artigo principal do *Correio Mercantil* que diz respeito á crise que ora nos agita. Diz o collega:

A crise algodoeira começa a affectar-nos não pouco, principalmente na cidade do Porto, onde uma boa porção de habitantes se empregava no mister de fabricantes.

E' certo que ha pedido de braços para outra especie de trabalhos, e que a offerta delles é limitada.

Nos caminhos de ferro, por exemplo, ha pedido constante de trabalhadores, o que é uma garantia de que no caso lamentavel da fome invadir a casa do fabricante de algodão, elle poderá ir alem encontrar em outra especie de trabalho o pão de que carece.

Mas é tambem certo que o homem costumado a uma determinada especie de trabalho, difficilmente se sujeita a ocupar-se em outro mister perfeitamente diverso, principalmente quando neste encontra menor salario fadiga, e mais do que tudo isto a presumpção de uma certa inferioridade na escala social, que acompanha no animo vulgar certos e determinados misteres.

Um operario fabricante com grande difficuldade acceitará o ser trabalhador de alvião e picarota nas estradas ou nas vias ferreas, porque recebe menos, trabalha mais, e julga se abatido na sua dignidade de operario.

Só a fome obrigará acceitar tal condição; e acceitando-a reputar-se-ha desgraçado.

E' necessario, depois attender com minucioso escrupulo a todas estas circunstancias, procurando por todos os meios fazer face á crise algodoeira.

Nenhum paiz está, como Portugal, nas circunstancias favoraveis para obter o algodão, materia prima indispensavel não só para a sustentação das nossas fabricas mas ainda para a exportação em larga escala.

Todas as nossas possessões ultramarinas produzem o algodão, espontaneamente e sem cultivo.

Applicando, pois, á sua cultura alguns capitaes e a protecção do governo, poderemos em pouco tempo affrontar com vantagem a crise e ir mesmo em auxilio das fabricas estrangeiras, offerecendo-lhes o que nos sobrar daquelle precioso e indispensavel genero.

Sabemos que o nobre ministro da marinha, o sr. Mendes Leal, se occupa com affinco de estudar e resolver esta questão, por fórma que convide os capitães a emprehenderem a cultura d'algodões nas nossas possessões africanas.

E' complexo o assumpto porque prende com a reforma de parte da legislação que rege os aforamentos e sesmarias na Africa, com a emigração dos colonos livres, com os tractados sobre a escravatura que prohibem a passagem dos colonos pretos de uns para outros pontos d'Africa, e muitos outros assumptos de não menor importancia.

Temos no entanto firme espurança na intelligencia, aptidão e boa vontade do sr. Mendes Leal, e esperamos ver em breve resolvido este momentoso assumpto.

(COMMUNICADO.)

Consideramos sempre um dever advogar os interesses da nossa terra, pugnando com todas as forças por tudo quanto tenda ao seu engrandecimento e prosperidade, e ao bem estar e felicidade dos nossos patricios. Bem pouco podemos sacrifiar a este principio sagrado, mas resta-nos a vangloria de o termos observado religiosamente.

Sirva a nossa boa vontade d'estimulo aos que muito mais podem fazer, e reputar-nos-hemos feliz.

Pronunciando-nos contra essa pertenção injustissima dos que tentam desviar desta villa a estrada de Aveiro á Figueira, esperavamos ver o nosso exemplo seguido, convencidissimo de que dentro em breve todos os nossos patricios corriam a coadjuvar-nos na empreza, que encetavamos, empregando todos e cada um de per si os meios ao seu alcance para fazer triumphar a causa da moralidade e da justiça, que advogavamos.

A nossa esperança vae-se convertendo em realidade, e nós folgamos de o registrar.

A dignissima camara municipal deste concelho zellosa, como sempre, dos interesses deste municipio já está representando contra a pertenção insustentavel das corporações da Beira-mar, e mostrará sem duvida ao governo de Sua Magestade com solidas rasões a maior conveniencia e utilidade do traçado, que temos defendido.

As juntas de parochia da Porcariça, Fevres, Covões, e Arasede vão representar no mesmo sentido, e acreditamos, que muitas outras tão interessadas como aquellas, e sem duvida egualmente possuidas da justiça, que nos assiste, se não farão esperar em seguir-lhe o exemplo.

Pelo menos as juntas de parochia de Cantanhede, Covão do Lobo, Liceia, Alhadas, e Fereira não se devem demorar em manifestar por este modo o sentimento unanime de todos aquelles povos, cujos interesses se acham mais directamente ligados a esta questão.

A's respeitaveis corporações da Figueira, cuja ambição sempre foi conseguir uma estrada, que a ligasse com a Mealhada, e consequentemente com a Bairrada e Beira, fazemos egual convite, certissimo de que annuirão a elle, interessadas como devem ser no traçado por Cantanhede, porque adoptado elle fica feita grande parte d'essa outra estrada, porque ha tanto trabalham, e facil nos será depois conseguir o seu complemento.

Resta agora, que os povos deste concelho, a quem tanto interessa a adopção do traçado, que temos sustentado, lancem tambem mão do direito de petição, que lhes assiste, para ir corroborar as representações daquellas corporações! E' necessario porem, que todos, sem excepção, se compenetrem deste dever e desta necessidade, e pondo de parte, ao menos neste negocio, as desintelligencias, que nos dividem, todos se unam, todos concorram, todos trabalhem para que triumphe a causa que a todos interessa, e na qual todos se devem empenhar!

Habitantes do concelho de Cantanhede! tentam, como sabeis, fazer-nos a mais revoltante injustiça, roubando-nos um melhoramento, a que por todos os motivos temos direito! E' preciso, que levemos ao conhecimento do governo de Sua Magestade a sem rasão, com que pertendem desviar d'este concelho a directriz da estrada de Aveiro á Figueira, mostrando ao mesmo tempo, que toda a conveniencia e importancia desta estrada depende da sua passagem por esta villa!

Vou elaborar uma representação neste sentido, e aqui vos convido a que a assigneis todos!

Ponhamos de parte a *politica*, que de tudo costumamos fazer, e unamos-nos todos — gregos e troianos — na santa cruzada, para que vos convido, esquecendo por um momento a diversidade de nossos sentimentos sobre objectos de outra natureza!

Lembramos-nos de que todos somos patricios, todos habitantes do concelho de Cantanhede, e interessados consequentemente todos, em que nos seja administrada justiça, e satisfeitos os mais ardentes votos de todo o verdadeiro cidadão desta terra.

Cantanhede 17 de setembro de 1862.

*Antonio Pessoa A. da Fonseca.*

## PARTE OFFICIAL

### Ministerio da fazenda

*Relação dos despachos effectuados no mez d'agosto de 1862 nos dias abaixo indicados.*

1 João Miguel Delgado Homem — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela promoção de José Antonio de Carvalho.

» Pedro Luiz Correia Belles — promovido do logar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Loulé ao de escrivão de fazenda no concelho de Olhão, vago por ter ficado sem effeito a nomeação de Francisco Eugenio Correia Belles.

» Militão Augusto Freire de Almeida — nomeado para o logar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Loulé, vago pela promoção do antecedente.

» Francisco Rodrigues Courella — nomeado para o logar de escrivão de fazendo no concelho de Mação, vago pela demissão de Hilario da Silva.

2 Joaquim Antonio Penteado — transferido do logar de escrivão de fazenda no concelho de Redondo para o de recebedor da comarca de Evora.

» Manoel Rosado da Silva Perdigão — transferido do logar de escrivão de fazenda no concelho de Alandroal para identico emprego no concelho de Redondo, vago pela transferencia do antecedente.

» José Joaquim da Costa Quaresma Proença — exonerado do emprego de recebedor da comarca de Louzã.

» Bacharel João Simões Neves de Carvalho e Silva — nomeado para o logar do antecedente.

4 Antonio Augusto Coutinho da Silva Carvalho — exonerado do logar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Montemór o Velho, de que desistiu.

» Albino Augusto Ferreira Couceiro Peixoto — nomeado para o logar do antecedente.

» Joaquim Antonio Gomes — demittido do logar de recebedor da comarca de Villa do Conde.

6 Antonio Maria Baldaque Carneiro e Sá — nomeado para o logar de recebedor da comarca de Villa do Conde, vago pela demissão do antecedente.

» José Justino — nomeado para o logar de guarda de alfandega municipal de Lisboa, vago pela promoção de Antonio Pedro Soeiro.

8 Manuel da Silva — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela promoção de José Lopes Lobo.

11 José Maria da Silva Carreira — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela exoneração de José Ferreira.

» Antonio de Almeida Campos — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pelo fallecimento de Adrião Antonio de Faria.

» Vicente Bernardes Ferreira — nomeado para exercer definitivamente o logar de guarda da alfandega de Setubal, que servia por nomeação temporaria.

12 Saturnino Pinto de Almeida — nomeado para o logar de escripturario de escrivão de fazenda do concelho de Gondomar, vago pela promoção de Henrique da Silva Maia.

» Lazaro Francisco dos Santos — exonerado, pelo haver pedido, do logar de guarda da alfandega do Funchal.

» Antonio Lucio de Lagos — nomeado para o logar do antecedente.

18 Augusto Soares Pestana — transferido do logar de escrivão de fazenda no concelho de S. Vicente para o logar de aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda no districto do Funchal, vago pela demissão de João Antonio da Veiga.

» Francisco Joaquim Pestana — promovido do logar de aspirante de 1.ª classe ao de segundo official da repartição de fazenda do districto do Funchal, vago pela aposentação de João da Silva Lopes Barreto.

» João Maria Moniz — promovido do logar de aspirante de 2.ª classe ao de aspirante de 1.ª classe da dita repartição de fazenda, vago pela promoção do antecedente.

» Frederico Accacio da Costa Moniz — nomeado para o logar de aspirante de 2.ª classe da dita repartição de fazenda vago pela promoção do antecedente.

25 Augusto Guilherme Lopes — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pelo fallecimento de Bernardino Gonçalves Moreira.

» Carlos Francisco de Mello — exonerado de escrivão de fazenda no concelho de Alcacer de Sal, para ser opportunamente empregado n'outro serviço.

» Daniel da Silva — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela promoção de Antonio Joaquim Leitão.

» José Maria Diabinho — exonerado do logar de guarda a pé da alfandega de Portalegre, de que desistiu.

» João Miguel Delgado — exonerado do logar de operario das officinas da casa da moeda e papel sellado, de que desistiu.

28 Luiz Procopio, operario das officinas da casa da moeda e papel sellado — elevado de 600 a 800 réis por dia util o salario que percebia, passande a ser empregado no serviço das estampilhas de sêllo como primeiro estampador.

» Joaquim Ezequiel de Almeida — nomeado para substituir o antecedente como official lithographo com o salario de 600 réis por dia util.

» José Esteves, Francisco de Mendonça Arraes e Mello, José Onofre de Paiva e Andrade, Joaquim Augusto Magão, José Pedro do Carmo Martins, Joaquim Pires, José Maria Rodrigues e Joaquim da Silva — mandados admittir na casa da moeda e papel sellado, com aprendizes, para serem empregados no serviço das estampilhas de sêllo, percebendo cada um d'elles o salario de 240 réis por dia util.

29 Antonio Manuel Exposto — exonerado do logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, de que desistiu.

» Manoel Correia — nomeado para o logar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, vago pela exoneração do antecedente.

» D. Manoel Joaquim de Faro e Noronha — exonerado do lugar de guarda da alfandega municipal de Lisboa, de que desistiu.

» Francisco Augusto da Cunha — nomeado para o logar do antecedente.

Secretaria d'estado do negocios da fazenda, em 13 de setembro de 1862. — *Luiz Augusto Martins.*

## CORRESPONDENCIAS

*Sr. redactor.*

Sines 10 de setembro de 1862.

Rogo-lhe o favor de chamar a attenção do governo, no jornal que dignamente redige, para a villa de Sines, povoação importante, com 1000 fogos aproximadamente, onde ha um porto de mar, alfandega, e grande movimento commercial em cortiça, arroz, casca, e outros generos, que se exportam em mais de 100 embarcações nacionaes e estrangeiras; porque tendo sido extincto o concelho por decreto de 24 d'outubro de 1855, e unido ao de S. Thyago de Cacem, está a povoação em completo abandono, a propriedade á mercê de quem a quer invadir, e ainda que ha um juiz eleito, pessoa aliás de probidade, não tem escrivão, nem quem o queira ser, visto que as coimas são julgadas pelo juiz ordinario de S. Thyago, e era o que podia dar algum interesse, ficando ao escrivão do juiz eleito os corpos de delicto, intimação de testemunhas, e dos jurados officiosas, e outros ossos do officio.

Os proprietarios tambem não fazem punir os damninhos, para não ir, e fazer ir a S. Thyago, distante 3 leguas, requerer e testemunhar, preferindo soffrer os prejuizos; e a não ser a boa indole deste povo, muitas desgraças haveria, porque ha completa falta de policia.

As estradas estão intransitaveis, especialmente de inverno, e de verão são atravessadas as propriedades, pelo incommodo que dá o transito pelas estradas publicas; por isso que a camara de S. Thyago de Cacem, que leva de Sines aproximadamente 1:600$000 rs., ou talvez mais, ainda que composta de pessoas respeitaveis, não posso deixar de lhe dar o nome de eguistas, porque estão gastando o dinheiro em embelesar a propria terra, fazendo chafarizes, e sumptuosos palacios, e não dispensam da grande quantia de dinheiro, com que concorre Sines, uns tristes duzentos mil réis, que lhe pediu a junta de parochia para o concerto d'uma das estradas que conduzem á villa, e que é do seu proprio interesse, pois sabemos, que um comprador da sua laranja quiz recusar o cumprimento do contracto, por falta de estrada para a conducção a Sines, sendo preciso atamancar uma com pinheiros, para poderem passar as carretas.

A camara procura obstar ao restabelecimento do concelho de Sines, pelo rendimento que tem da villa, quando é de justiça, e necessidade para remediar os vexames, que o povo e commercio está soffrendo, e até prejuizos; não podendo terminar este estado annormal, senão restabelecendo-se o concelho de Sines, que tem rendimentos de sobejo para se sustentar, e talvez lhe seja preciso menos de metade do que paga para S. Thyago, por isso que já viveu, e bem, com muito menos que hoje paga; tem pessoal sufficiente, e talvez em dobro do que tem S. Thyago, para servir os cargos publicos, porque hoje promptifiam-se a servil-os pessoas, que antigamente se escusavam.

Rogo-lhe pois, sr. redactor, advogue a causa deste povo, que é a da justiça, como lhe pede um seu assignante, mais para beneficio geral, do que por interesse proprio.

De v. etc

*Um assignante.*

## EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem copiamos os seguintes telegrammas:

Alexandria 11. — As noticias da Syria dizem que o Hauran está pacificado. Os habitantes de Castram, cidade da Syria, a 180 kilometros ao sul de Damasco, repelliram os trabalhadores enviados por Daoud-pachá para a construcção de uma estrada. Uma proclamação de Kabouli-Effendi concede dez dias para o pagamento da indemnisação reclamada.

Berlin 11. — Resumindo o que se tem passado sobre a organisação militar, o ministro da fazenda disse que a proposta da commissão impossibilita que se estabeleça o orçamento. O governo reconhece o direito das camaras de votar as despezas; mas está convencido de que não podia obrar senão como obrou; e de que provou os seus bons desejos de facilitar uma solução. As consequencias ulteriores pezam pois sobre as camaras.

Marselha 12. — As cartas de Napoles de 9 dão noticias de novas razzias de camorristas. Muitos d'elles foram presos disfarçados em padres.

O inglez Bishop, accusado de conspiração burbonica, foi condemnado, como o conde Christen, a 10 annos de trabalhos forçados.

Monsenhor Caputo, bispo de Adriano, e capellão do rei de Italia, acaba de fallecer. O prelado Tipaldi, representante do arcebispo de Napoles, quiz fazel-o retractar relativamente a Roma e ao poder temporal; mas monsenhor Caputo recusou. Os chefes do clero recusam assistir ás suas exequias que devem ter lugar amanhã.

Foi supprimida a festa annual militar de 8 de setembro.

A agitação garibaldina diminue desde que se falla d'amnistia.

Turin 11. — E' destituido de fundamento o boato de que o governo italiano vai contractar um novo emprestimo.

Tomam consistencia os boatos d'amnistia.

Londres 12. — Partiu para Spezzia o celebre cirurgião inglez Partridge, a fim de offerecer os soccorros da sua arte a Garibaldi. Uma subscripção se abriu em Inglaterra para as despezas d'esta viagem.

Pariz 12. — Confirma-se a noticia de reducção do exercito italiano.

Deve chegar dentro de pouco o novo embaixador ottomano com a gran-cruz, e as insignias de brilhantes, que envia ao imperador o sultão.

Pariz 13. — Em um artigo publicado na «France» M. de la Gueronière propõe uma federação dos tres Estados italianos com exclusão da Austria.

Londres 13. — As noticias de Nova-York alcançam a 5 do corrente. O exercito federal tinha-se concentrado nos arredores de Washington.

Os confederados reuniam forças numerosas a 12 milhas d'aquella capital.

Os federaes haviam abandonado Batonrouge.

50:000 confederados ameaçam Orleans.

O general Butler prepara a defeza de Boston.

Turin 13. — Os jornaes dizem que Cialdini aconselha a formação da causa aos rebeldes, e que a opinião d'este é que a amnistia prejudicará a disciplina militar.

Paris 14. — Os federaes perderam uma grande batalha no dia 31 do passado. Depois d'este combate retiraram para Washington.

Roma 12. — Chegou o abbade Stellardi, esmoler de Victor Manuel, com uma carta da princeza Pia, na qual dá parte ao papa, seu padrinho, do seu casamento com o rei de Portugal.

O rei Luiz de Baviera, pae do actual, chegou egualmente a Roma.

Turin 13. — Dizem de Napoles que a esquadra franceza sahirá na segunda-feira para Ajacio.

Pariz 13. — O embaixador de Portugal sahirá no dia 15 para Turin, e embarcará na sua volta em Bordeus para Lisboa.

A princeza Pia dirá directamente de Genova a Lisboa.

Fallou-se em amputar o pé a Garibaldi, porem acredita-se que não será necessaria esta operação.

Acredita-se que a situação pessoal de Garibaldi influirá na decisão do governo.

Cadiz 14. — Noticias de Tenerife de 6 do corrente, dizem que tinham ali chegado cinco navios e uma fragata franceza, conduzindo 5:414 homens e 350 cavallos com destino ao Mexico.

Turin 14. — São contradictorias as noticias ácerca da decisão do governo na questão de Garibaldi.

Pariz 15. — Os periodicos discutem a questão de se as eleições geraes se verificarão ou não em fins de outubro.

*Relatorio das operações militares de 29 de agosto.*

A parte do coronel Pallavicino, sobre o combate do dia 29 de agosto, é a seguinte:

Reggio 1.º de setembro de 1862 — Em conformidade com as instrucções, que por v. ex.ª me foram dadas, parti de Reggio no dia 28 de agosto, pela 1 hora depois do meio dia, com uma columna composta de 5 batalhões de caçadores, o 6.º e o 25.º

Tomei pela estrada, que ao longo do mar vae dar a Gallio; e d'aí costeei o leito do rio, que pelo mesmo nome se designa, até duas milhas de distancia da aldeia de Padargoni, onde, colhendo-me o fim do dia, acampei e passei a noute.

No dia 29 pela manhã cedo parti em direcção a San-Stephano, onde cheguei pelas 8 e meia da manhã. Aí, por exactas informações que tomei, soube que o general Garibaldi tinha acampado, aquella noute, com os seus na rechã de Aspromonte. Mandei proseguir a marcha até curta distancia daquella rechã, e, antes de ir mais ávante, dei um pouco de descanso ás tropas, excessivamente fatigadas da longa marcha por escrabrosos caminhos.

Em quanto alli me demorava, soube que, havia somente duas horas, ainda o general Garibaldi estava acampado na rechã inferior de Aspromonte, e vi que por duas veredas se podia descer para o campo occupado por elle.

Dividi então a tropa em duas columnas commandadas a da direita pelo tenente-coronel cavalheiro Parrochia, com o qual eu tambem marchei, e a da esquerda pelo coronel do 4.º regimento, cavalheiro Eberhard.

As duas columnas desemboccaram ambas ao mesmo tempo diante do acampamento dos garibaldinos, já abandonado por elles, que tinham ido tomar posição no cume de uma collina escarpada, ao nascente da planicie de Aspromonte. Enviei então immediatamente ao commandante da columna da esquerda a ordem de atacar pela frente os garibaldinos, em quanto eu, fazendo retroceder a columna da direita, expedia, n'uma rapida evolução, a atacar o flanco esquerdo e a rectaguarda dos rebeldes, a fim de lhes cortar inteiramente a retirada, ao mesmo tempo que mandava um batalhão occupar a entrada do valle por onde elles poderiam tornar a ganhar o plano.

A columna da esquerda, com o 6.º batalhão de caçadores á frente, depois de um vivo tiroteio, tomou a posição á bayoneta, clamando: «Viva o rei! viva a Italia!» em quanto o flanco esquerdo era tambem atacado pelos nossos.

Tendo caído feridos o general Garibaldi e seu filho Menotti, e achando-se cercados por todos os lados os revoltosos, inutil se lhes tornou a resistencia; e dando então os garibaldinos signal para cessar o fogo, passou-se ás negociações, cujo resultado é já conhecido de v. ex.ª Congratulo-me por poder certificar a v. ex.ª que todos os officiaes e soldados se destinguiram nesta acção pelo seu zelo e coragem, e que todos os soldados indistinctamente das diversas provin-

cias de Italia competiram em valor e disciplina.

Cumpre-me não passar em silencio que durante o primeiro ataque, oppuseram uma energica resistencia os nossos adversarios, por forma que não pude deixar de lastimar que tanta bravura se desenvolvesse contra o poder legitimamente constituido e contra os interesses da patria.

(N. B. — Omittimos o resto da parte por que diz respeito ao valor daquelles que mais se distinguiram, para podermos dar outros promenores sobre o mesmo assumpto.)

---

Nos relatorios officiaes ácerca do combate de Aspramonte, encontram-se as particularidades seguintes:

No dia 28 de agosto partia de Reggio, á 1 hora da tarde, o coronel marquez Pallavicino de Priola, á frente de uma columna composta de cinco batalhãos de infanteria e de dois batalhãos de bersaglieri, e, tomando a estrada de Gallico, seguindo o leito do rio d'esse nome, avançou até 2 milhas da aldeia de Podargoni, onde, surprehendido pela noite, fez acampar as suas tropas.

No dia seguinte, ao amanhecer, dirigiu-se sobre San-Stefano, onde tendo sabido que Garibaldi, com os seus, estava acampado na planura de Aspramonte, fez proseguir a marcha até pouca distancia da mesma planura, e, antes de empenhar combate, fez descansar as tropas fatigadas de uma longa marcha por caminhos tão escabrosos.

Entretanto tendo Garibaldi abandonado o seu acampamento, tomava posição no cume de uma collina abrupta, a Este da planura de Aspramonte.

O coronel Pallavicino lançou as tropas, divididas em duas columnas, pelos dois caminhos que conduziam ao campo dos insurgentes; a da direita era commandada pelo tenente-coronel Parrocchia; a da esquerda pelo coronel Eberhard, antigo voluntario garibaldino, em 1860.

Tendo as duas collumnas desembocado ao mesmo tempo na planura d'Aspramonte, e tendo encontrado o campamento levantado, o coronel Pallavicino, depois de ter examinado a posição, ordenou á columna da esquerda que atacasse de frente, e tendo feito retrogradar a da direita, fel-a avançar, por um movimento rapido sobre o flanco esquerdo e sobre a rectaguarda do inimigo, fazendo occupar por um batalhão o desfiladeiro do valle, afim de impedir que de novo occupasse a planura.

Um batalhão de bersaglieri á frente da columna da esquerda principiou o fogo. A resistencia da parte do inimigo foi a principio energica. E' doloroso que tanta bravura se prodigalisasse n'uma lucta fratricida. O fogo foi muito vivo, mas de curta duração, a posição foi tomada á bayoneta no momento em que a columna da direita, que tinha torneado a ala esquerda dos garibaldinos, começava a atacal-a.

Garibaldi e seu filho, feridos ambos, estavam cercados de voluntarios, que julgando inutil uma mais longa resistencia, arvoraram a bandeira branca.

O capitão d'Estado-maior addido ao commando da columna, foi encarregado de ir citar, em nome do rei, Garibaldi, para se render. Este respondeu que nunca se renderia, e, perdendo o seu sangue frio, pegou d'um revolver; mas felizmente os seus companheiros agarraram-lhe o braço.

Garibaldi exigiu todavia que o parlamentario fosse desarmado e feito prisioneiro.

Aconteceu o mesmo com o major Giolitti, commandanto de um batalhão de bersaglieri, que foi junto de Garibaldi; porque havia sido convidado pelos seus voluntarios.

Antes do coronel Pallavicino vir em pessoa parlamentar, Garibaldi, convencido pelas observações de MM. Nullo e Corte, da inconveniencia de um procedimento contrario a todos os usos da guerra, já tinha feito entregar a sua espada aos dois officiaes havidos como prisioneiros.

Os amigos mais intimos de Garibaldi perguntaram ao coronel Pallavicino quaes eram as condições que elle desejava. Este respondeu que só tinha uma instrucção: atacar, bater Garibaldi e fazel-o prisioneiro.

Ao pedido de se occultar o encontro succedido, para esconder á Europa o escandalo de uma guerra civil, respondeu que não estava isso na sua mão, e que difficilmente se occultaria um facto que tivera tantas testemunhas.

Depois disto, Pallavicino foi conduzido perante Garibaldi, que acalmou a sua cólera, fez tacitamente signal de que adheria ás condições que lhe eram propostas e pediu sómente para poder embarcar n'um navio inglez para se expatriar.

Pallavicino prometteu-lhe consultar o governo. Depois Garibaldi perguntando-lhe o que fariam dos prisioneiros, respondeu que ignorava as intenções do ministerio, mas que na sua opinião pessoal, suppunha que, dentro de pouco os deixariam livres.

A noute de 29 foi passada na Cascina, chamada da Marchesina. No dia seguinte transportaram-se a Sicilla, onde Pallavicino, que tinha precedido os outros, communicou a Garibaldi que a vontade do governo era que elle Garibaldi, como todos os seus, embarcassem para Spezzia, para serem internados.

Então Garibaldi arguiu o coronel Pallavicino por não cumprir duas promessas que lhe fizera, isto é, a de o fazer embarcar n'um navio inglez, e a de deixar livres, em pouco tempo, os prisioneiros, sem se lembrar que ao primeiro pedido só lhe promettera consultar o ministerio, e que a respeito do segundo só exprimira uma opinião pessoal.

Durante o trajecto, Garibaldi conservou sempre o silencio; só o rompeu em Sicilla, para dirigir ao povos estas palavras: «Então já não reconheceis o vosso general?» O povo não se commoveu.

Tendo Pallavicino perguntado a muitos dos prisioneiros porque tinham seguido Garibaldi depois da proclamação do rei, quasi todos responderam que não tinham conhecimento dessa proclamação.

Sabe-se que Nicotera, Missori e Miceli abandonaram o campo garibaldino, no dia 28. Porque rasão? ignora-se.

São apontados pela sua intelligencia, actividade e valor o coronel Eberhard, o tenente-coronel Parrocchia, os majores Giolitti e Pinelli de bersaglièri, e o coronel Carchido, os quaes, antes e durante a acção de 29, ajudaram o coronel Pallavicino a fazur cessar desde a origem esta calamidade tão ameaçadora para a Italia.

As perdas d'uma e d'outra parte elevam-se a 12 mortos e 200 feridos.

Ao chefe dos garibaldinos só se encontraram poucas cartas, e sem nenhuma importancia.

Não se encontrou caixa alguma militar, talvez, porque, segundo as asserções dos voluntarios, tinham feito na noite precedente uma distribuição de dinheiro.

O numero dos prisioneiros garibaldinos transportados a Spezzia eleva-se a 2:000.

Cerca de mil voluntarios se dispersaram pelas montanhas visinhas; 58 foram presos, e 30 em Bagnora; entre elles achavam-se dous feridos. Continúa a prender-se successiuamente os outros.

---

«A bordo do *Duque de Genova*, 1.º de setembro de 1862. — Eu percorria a frente da nossa linha gritando que não fizessem fogo; e do centro para a esquerda, onde a minha voz e a dos meus immediatos podiam ser ouvidas nem um só tiro partiu; não succedeu o mesmo de parte dos que atacavam. Chegados a distancia de 200 metros começaram uma fusilaria infernal. Os caçadores que se achavam fronteiros a nós fizeram pontaria contra mim e alcançaram-me com duas balas, uma na coxa esquerda, ferida sem gravidade, outra no tornozello do pé direito, ferimento grave.

«Como tudo isto se passava no começo do conflicto, e tendo sido transportado para a orla do bosque depois de ferido, foi-me impossivel ver coisa alguma, tendo-se ajuntado ao redor de mim uma multidão compacta em quanto me curavam. Mas tenho a consciencia de poder affirmar que até ao fim não se despediu um só tiro da linha que estava ao meu alcance e dos meus logar-tenentes. Não partindo o fogo da nossa linha foi facil á tropa oproximar-se e misturar-se comnosco; e como me disseram que ella pretendia desarmar-nos, dei ordem de desarmar os que se achavam diante de mim. As intenções dos meus companheiros eram tão pouco hostis que não pude fazer desarmar na multidão senão um pequeno numero de officiaes e soldados da tropa regular.

«Não era assim na nossa direita. Os *meus rapazes* (os mancebos voluntarios) assaltados pela tropa responderam fazendo fogo por toda a linha e posto que as cornetas tocassem para cessar, continuou mui vivo, porém não durou mais de um quarto de hora. As minhas feridas causaram algum desalento em a nossa linha, e os nossos soldados deixando de ver-me começaram a entranhar-se na matta. Pouco a pouco a multidão que tinha ao redor de mim dissipou-se, sómente os meus fieis ficaram.

«Neste momento soube que se tratavam negociações entre o meu estado maior e o coronel Palavicini, que commandava a tropa regular, estipuladas sobre estes pontos: — 1.º que teria a faculdade de retirar-me com o meu estado maior para onde bem me parecesse. (Respondi que para bordo de um navio inglez.) — 2.º que chegando á beira mar, os meus companheiros de armas seriam postos em plena liberdade.

«O coronel Palavicini comportou-se como chefe valoroso e intelligente em todos os seus movimentos militares, e nunca faltou a guardar para comigo e com os meus a mais delicada cortezia; manifestou a sua dôr por ter de derramar sangue italiano; porém tinha recebido ordens peremptorias, e cumpria obedecer.

«As minhas disposições eram puramente defensivas, e tinha esperado poder evitar um conflicto, por causa da forte posição que occupava e contando que tivessem sido dadas ordens menos sanguinarias á tropa regular. Se não fosse ferido logo no começo do encontro, e se a minha gente não tivesse ordem de esquivar-se em toda a circumstancia a toda a especie de collisão com a tropa, a refrega entre individuos da mesma familia podera ter sido terrivel. Regosijo-me de que assim não fosse. E qualquer que seja o resultado das minhas feridas, qualquer que seja a sorte que o governo me prepára, tenho a consciencia de haver feito o meu dever, e o sacrificio da minha vida é bem pouca coisa podendo contribuir para poupar a de grande numero dos meus concidadãos. Seja como for, ainda desta vez me apresento á Italia com a fronte levantada, seguro de ter feito o meu dever. Ainda d'esta vez, a minha vida, que me é indifferente, e as vidas, mais preciosas, de tanta juventude generosa, foram offerecidas em holocaustro á mais santa das causas, e sem a macula de vil interesse individual. — *José Garibaldi.*»

---

«A morte do arcebispo de Canterbury (Cantuaria) desperta as ambições dos maiores dignitarios da igreja anglicana. A successão, com effeito, vale a pena de ser cubiçada e recebida: immensos ordenados, a direcção de uma diocese consideravel comprehendendo quarenta deados e trezentos e cincoenta e dois beneficios, asseguram ao titular um padroado que o colloca entre os personagens mais influentes do paiz; os beneficios da nomeação do arcebispo pes oalmente montam á somma enorme de 80:000 libras esterlinas. Lord Palmerston que tem nas mãos a nomeação do primaz vae certamente ser cortejado durante alguns dias por muitas das orgulhosas familias da aristocracia britannica.»

---

Recebemos na «Gazeta official do reino de Italia», ampla e explicativa noticia de todas as ordens dadas pelo ministerio da guerra, para Garibaldi ser tratado com todas as attenções devidas ao seu nome e á situação.

Estas explicações foram seguramente motivadas pelo quo se tem publicado em alguns jornaes ácerca do modo pouco conveniente como Garibaldi e seus companheiros foram alojados em Sepezzia.

«Le Temps» foi quem publicou informações de mais gravidade a este respeito.

Algumas são contidas em uma carta do dr. Riboli, amigo de Garibaldi, que foi ao seu encontro em Spezzia. E' datada de 4 deste mez ás oito horas da noite.

D'este documento extrahimos o seguinte:

«Varignano é o antigo lazareto, edificio que fica no principio do golpho: é accessivel por mar e por terra; por mar é mister trez horas para ir e voltar, e por terra em um bom cavallo duas horas. Com estes esclarecimentos é possivel calcular o tompo que é preciso para d'este ponto ir a Sepezzia para ter qualquer socorro. Visitei Garibaldi com o dr. Dinegro de Genova e com os medicos que o general tem ao pé de si. Vi a ferida no tornosello interior do pé direito; a perna estava toda inchada, e, comparada com a perna esquerda, apresentava dobrada grossura. A ferida é grave, o doente tinha muita febre..... Entretanto é possivel esperar a cura, mas ha de ser demorada, não durando menos de quatro mezes.

«O general tem uma constituição forte; mas é principalmente da elevação da alma que o corpo recebe um vigor de athleta e de leão em certas occasiões.

«Os seus soffrimentos physicos e moraes justificam as apprehensões que hajam ácerca da sua vida. A bala que recebeu no pescoço, na America, e de que ia morrendo, a gôta e o seu estado moral, são elementos que se não devem despresar na observação das suas feridas e na apreciação do estado actual do seu espirito. Das palavras que ouvi a Garibaldi repetirei estas: — Eis aqui o que eu ganhei, por querer o bem dos homens! mas que me importa um pé? Entretanto, se me quizerem fuzilar não poderei andar. Na America quando me extrahiram a bala do pescoço declamei versos, agora morderei nos cobertores.»

«Le Temps» publica tambem outra carta de um antigo official superior do exercito garibaldino, que não pode ser suspeito ao governo italiano, e na qual se mencionam bastantes circumstancias comprovativas de que, pelo menos nos primeiros dias, as ordens positivas e honrosas do governo italiano conforme as menciona o seu orgão official, não foram cumpridas.

N'esta segunda carta lêmos alguns factos curiosos de que vamos fazer menção:

Acabada uma conferencia de medicos, annunciaram a Garibaldi que madame Mentegazza desejava vêl-o. Esta senhora, logo que entrou no quarto do general e chegou ao pé do leito, cahiu de joelhos, chorava e todos os assistentes com ella. Levantando-se depois de permanecer alguns momentos n'esta posição, sahiu sem proferir palavra.

Depois d'esta scena, Garibaldi voltou-se para os que o cercavam e disse:

— Aos que não sabem quem é madame Mentegazza vou-lhes contar um facto que a descreve perfeitamente.

«Em Veneza, emquanto nos batiamos com os austriacos teve ella a coragem de atravessar o lago, por entre ballas, e vir pedir-me licença para tratar dos feridos.»

Garibaldi tem o condão de inspirar ás mulheres o mais nobre enthusiasmo politico. Antes da visita de Mm.e Mentegazza, já tinha recebido a de Mm.e Cairoli, heroina de Pavia, e rica viuva, que tinha quatro filhos, e que todos entregou, um a um, ao serviço de Garibaldi. Trez morreram no campo de batalha, e o ultimo, agora prisioneiro, faz parte do estado-maior do general.

Garibaldi foi tambem visitado por Mm.e Sachwabe, pelo cavalheiro Daideri e sua esposa, e por muitas outras pessoas, devendo citar entre ellas os generaes Turr, e Bixio, o marquez Jorge Pallavicino e sua esposa, e Augusto Vecchi.

---

## NOTICIARIO

**Quartel de S. Domingos.** — Está se reparando este quartel. Parece-nos que seria mais acertado empregar o dinheiro que ali se anda gastando na construcção de algumas casernas, havendo para isso tanto espaço e materiaes que se podiam utilisar. Admittindo mesmo que o governo não podesse agora dar maior somma do que aquella em que estão orçados os reparos — que nos dizem ser em 1:700$000 r is —, ainda assim se faria bastante; e continuando o governo a subsidiar as obras, passado algum tempo, haveria quartel para commodamente alojar um corpo ou mais de tropa, — quartel que custaria 4 ou 5 contos de réis, não luxuoso, mas decente e apropriado. Andam-se reparando umas poucas de casas velhas, deslocadas e sem commodidades; e por fim todos sabem o que são remendados.

**Viagem da nova corveta.** — (Da *Revolução de Setembro*) Possuimos alguns pormenores ácerca da viagem desta nova corveta, que, como os leitores sabem, foi a Inglaterra metter a machina, guarnecer a praça d'armas e acabar de aperfeiçoar algumas obras internas.

Offerecemos aos leitores a curiosa descripção de viagem que acabamos de receber.

«Depois de 9 dias de vento rijo pelo primeiro quadrante, e de mais 5 pelo segundo, com o qual o navio esfregou bem a proa, chegou a *Sá da Bandeira* á boca do canal da Mancha, ficando entre a ilha de Ushont e a de St. Agnes Light.

Na tarde do dia 27 navegava da ponta de Lizard para a torre de Eddystone com brisa regular de NNO., mar plano, atmosphera e horisonte claros.

Ao rumo de ENE. ahi o navio deitando de 7 a 8 milhas, e rodeado de mais de cem embarcações passou ávante as que navegavam na mesma direcção.

A fragata *Warrior*, que ha pouco esteve no porto de Lisboa, havia saido de Plymouth a cruzar e fazer exercicio, e navegava mais sobre a terra, demorando-nos por isso a bar'avento pela alheta de bombordo.

Aquelle immenso castello de panno e madeira, construido com a solidez de um navio couraçado, de 400 pés de comprimento, achava-se distante da corveta 4 a 5 milhas, e assim se conservou mais de 6 horas, durante as quaes apenas avançou á corveta 1 ou 2 milhas, ficando ao pôr do sol a distancia de 4.

O pavilhão portuguez e a flamula ondeavam magestosamente na *Sá da Bandeira*, que foi saudada por alguns navios, chegando a Londres sem incidente algum desagradavel durante uma viagem de 18 dias.

O navio tem alguns defeitos, mas que o não impedem de fazer serviço regular.

O mastro da gata está collocado de modo que o não faz orçar como se esperava, porque se arriba. E' necessario por tanto diminuir-lhe o comprimento do gurupés; bem como emendar alguns outros defeitos de pouca monta. A construcção é de boa madeira e aguenta bem o apparelho e a mastreação.

Valente com a vaga do mar o navio é rijo de borda, e um balanço com vento pela prôa não o affronta, cahindo por esta circumstancia suavemente no jogo de pôpa á prôa. Não houve occasião de o experimentar á pôpa, nem capeando com temporal. Notou-se que com gaveas nos segundos e mar cavado mente ao virar em algumas occasiões, e da mesma sorte com vento bonançoso, sendo a arribada de duas quartas quando vira. De bolina navegando em seis quartas com vento fresco tem deitado em muitas occasiões 8 e 9 milhas.

O navio é de boa marcha e soffriveis condições nauticas.»

São estes os pormenores que obtivemos, e que como promettemos em tempo, hoje offerecemos aos leitores.

**O theatro das Larangeiras.** — O «Universo Pittoresco», que se publicou em Lisboa em 1844, deu a seguinte descripção do bello theatro das Larangeiras, que na semana ultima foi consumido pelas chammas.

«O theatro estava edificado no pateo, que serve de entrada principal ao palacio, e a sua nobre frontaria correspondia com a fachada lateral deste ultimo.

Foi construido haverá 40 annos, mas na sua primeira fundação não tinha uma fachada tão bella, como a que hoje tinha; foi depois reedificado pelos desenhos do sr. Fortunato Lodi, architecto do theatro de D. Maria II.

A fachada principal do theatro das Larangeiras era ornada com um elegante portico, a que faziam corôa trez estatuas de pedra, e era sustentada por quatro columnas de ordem dorica, junto ás bases, das quaes se avançavam quatro sphinges, collocadas em seus pedestaes.

No tympano avultava o escudo de armas do sr. conde de Farrobo, em relevo e cercado de emblemas theatraes. — No friso esta inscripção = «Hic mores hominum castigantur» =, e por baixo, entre as 4 columnas, trez candieiros de gaz.

De um e outro lado do portico era coroada a fachada com 8 estatuas, e decorada com pilastras doricas, entre as quaes se v'am os bustos do nosso compatriota M. A. Portugal, d'Alfieri, Shakespeare, Sapho, Rossini, Sophocles, etc. em relevo.

A sala do espectaculo era de fórma simicircular. A plateia elegante e commoda, as galerias para senhoras eram ornadas com summa riqueza e bom gosto, a grade que as guarnecia era delicada em obra de esculptura, e toda doirada, com o encosto de veludo carmezim. Os assentos eram elevados em fórma de throno, estufados tambem de carmezim. O palco espaçoso, e tudo no melhor arranjo possivel.

Contiguas á sala do espectaculo ficavam as salas para os bailes, e os camarins.»

**Noticia interessante.** — Transcrevemos da «Revolução de Setembro» a seguinte noticia:

«De Castedo nos escrevem denunciando uma descoberta que, segundo o testemunho ocular de pessoas de credito póde trazer grandes bens á humanidade. E' a composição de uma massa vegetal por meio da qual se opéra com a maior facilidade a cura radical dos cancros.

O segredo desta composição que por ali tem

feito prodigios possue-o Domingos de Freitas Guimarães, residente na aldeia de Roios, proximo a Villa-Flor, e diz que já o herdou de seus antepassados.

Seja como for, o que é certo é que, segundo o nosso correspondente, o remedio é maravilhoso, e tem sido empregado com bello resultado em differentes pessoas da localidade, e não só cura cancros, como toda a qualidade de nascidas ruins.

Este homem, que protegido competentemente, póde utilisar muito aos que padecem destes terriveis males, presta-se a curar radicalmente quaesquer pessoas que em qualquer parte o reclamem dando-lhe, já se vê a recompensa condigna. A sciencia é filha da experiencia e de estudo, e este remedio admiravel teve como ella origem.»

**Nossa Senhora das Arêas**— Foi no domingo a festa e romaria da Senhora das Arêas na costa de S. Jacintho, havendo missa cantada, sermão, procissão e musica. Na vespera houve fogo preso e musica.

Os que ignorarem o que são as romarias á beira-mar, saibam que é ali onde se folga com mais liberdade, e a alegria toma o seu verdadeiro logar. O aristocrata troca a casaca ou frak pelo gabão para se confundir com o artista ou pescador, em quanto que estes *vendo tanta abnegação*, se julgam elevados em suas posições.

Era diminuta a concorrencia de povo; d'Ilhavo e Murtosa d'onde affluia muita gente, não vimos ninguem; talvez porque os pescadores lançaram ao mar neste dia as suas redes, e, achando-se impedidos, não poderam vir com suas familias.

Mas é em verdade surprehendente,— sentimo-nos apossados de intima satisfação — desde que embarcamos no local da romaria até á entrada *triumphal* nesta cidade.

Imagine-se uma *flotilha* de 60 a 100 barcos carregados de povo, navegando todos com suas vellas enfunadas, muitos enfeitados com ramos de flores e bandeiras bi ou tricolores. Cada barco, como se esperasse alcançar o premio da *regata*, esforçava-se por chegar primeiro á *terra desejada*.

Aquelle em que vinhamos, apesar de ser um dos de *maior lotação*, era dos mais velozes, pois tomou a dianteira a 12 ou 15 que lhe levavam grande distancia. A' entrada das Pyramides, paramos, a pedido de um dos passageiros, que por tal fineza teve que recompensar *generosamente* o araes; aqui, esperámos pelo barco da muzica para juntamente fazermos a nossa entrada. O caes achava-se guarnecido de povo, vendo-se grande numero de damas e cavalheiros que todos anciosos esperavam o regresso dos romeiros.

**Marinhas** — E' naturaral que por este anno esteja terminada a safra do sal. A chuva que principiou a cahir hontem de manhã, fez estragos nas marinhas, que por duvida se poderão reparar, ainda mesmo que o tempo mude: o sal que ha feito é menos que o do anno passado, mas o preço elevado que conserva, pode bem supprir a sua falta para os proprietarios e marnotos.

**Furto.**—Na noite de sabbado para domingo surripiaram alguns amigos do alheio, da prôa de uma bateira, na costa de S. Jacintho, uma porção de roupa de vestir, que era todo o fato domingueiro d'um pobre rapaz que o tinha levado para tafular com elle na romaria do dia seguinte.

A auctoridade foi prevenida, e fez algumas investigações, mas não nos consta que por ora obtivesse resultado.

**Morte subita.** — No domingo na Costa Nova do Prado morreu repentinamente á sahida d'um banho quente, o sr. dr. Fernando Alho, de Sangalhos.

Parece que a morte foi produzida por uma aneurisma, e precipitada pelo banho.

**Erratas** — Na pag. 2.ª columna 2.ª linha 33, onde se lê — á pita — deve ler-se — a pita —

Na pag. 3.ª col. 3.ª linha 19, onde se lê — procuraria — deve ler-se — provocaria —

Na mesma pag. col. 3.ª linha 50, onde se lê — omittimos — deve ler-se —emittimos —

**Mysterios nauticos!!!**—Diz hoje um collega, que corre em Lisboa a noticia de que andam tres vapores de guerra ha oito dias, cruzando as ilhas dos Açores, sem que se possa saber a que nação pertencem, por isso que não arvoram bandeira. Serão corsarios?

**Atrocidades.** —Dizem que as principaes victimas da guerro anglo-americana são os negros. O presidente Davis promette enforcar todos os que se apanhem armados, e o prisidente Lincoln lhe offerece como unico recurso a expatriação. Verdadeiros observadores dos principios do divino mestre: Amai-vos uns aos outros —Todos os homens são irmãos.

## CORREIO

*LISBOA 21 DE SETEMBRO*

(Do nosso correspondente.)

A revolta de Braga se não foi filha legitima da colligação modernissima cabralista — saldanhista, regeneradora, e miguelistas, foi applaudida e festejada por essas fracções, que estão a estender para as cadeiras ministeriaes os olhos ambiciosos. A opposição nem soube fingir-se extranha áquelles desagradaveis successos, comprometteram-n'a as suas expansivas alegrias. Ficou explicado o enthusiasmo pela apparição do sr. duque de Saldanha nas casas do parlamento. Hoje a ninguem é licito duvidar que o illustre marchal não se recusaria aceitar das mãos dos revoltosos, sujas do sangue do assassinato, e do roubo com arrombamento, o poder que ha tanto ambiciona.

Affiança-se que o sr. duque tivera em paço d'Arcos, uma larga conferencia com os generaes da invalida regeneração antes de rebentar a revolta em Braga. Quando se recebeu aqui a noticia de que os ensurgidos davam vivas á santa religião e ao sr. duque de Saldanha, a casa de s. ex.ª foi envadida pelas ondas dos seus *sinceros admiradores*, que o foram felicitar por tão auspicioso acontecimento. S. ex.ª embalava-se nas mais gratas esperanças, e até chegou a receber os memoriaes, em que os amigos do sr. duque lembrando os antigos serviços pediam alguns logarsinhos á meza do orçamento. Tudo se promettia, que o nobre marchal não é pessoa que negue um talher a quem quer que seja. Que venturas que já se anteviam! Quem ha de ser gevernador civil, o que se ha de dar ao Macedo, é preciso não esquecer o Passos. E as carroagens enchiam a rua em que mora o sr. duque.

O guano subiu de preço no mercado; supponho que se fallava até na ordem do guano para recompensar os serviços dos salvadores da patria.

Por fim oh! desillusão! O heroe da festa foge para Galliza depois de roubar o districto como um verdadeiro amigo do alheio, e os revoltosos entram no Tejo e ficam debaixo de prisão!

Do caso tirou-se uma proficua lição. E' preciso recommendar á vigilancia do ministerio publico os pios patriotas que se levantaram com o grito de *viva á religião*! Cautella com elles, por que pondo os olhos em Deus, vão-nos mettendo as mãos nas algibeiras.

Antes de hontem chegaram ao Tejo no vapor «D. Antonia» os insurgentes de Braga. Quando se lhe pediu aqui as armas, os sargentos empallideceram e hesitaram, porque suppunham que a real clemencia, fazia com que elles viessem logo servir nos corpos de Lisboa, sem mais explicações. Setenta das espingardas vinham carregadas. Os sargentos em numero de vinte e dois foram para bordo do registro, os soldados ficaram em a náo «Vasco da Gama», e os officiaes foram para a torre de S. Julião.

A «Revolução de Setembro» querendo provar que tão ladrões são os revoltosos de Braga como os revoluccionarios de *Torres Novas*, apresentou um recibo assignado pelo sr. Lobo d'Avila, e datado em 1844, recibo de uma quantia de dinheiro levantada á força pelo actual ministro da fazenda quando era alferes ajudante do corenel Cezar.

Não ha paridade entre os crimes ultimamente praticados em Braga, e os acontecimentos que se deram contra o ignominioso governo do conde de Thomar. Então fôra uma revolução popular contra o despotismo de um ministro odeado, agora não passou de uma insurreição promovida por ambiciosos sem crenças.

O «Portuguez» respondendo á «Revolução» poz de parte as apreciações politicas dos diversos factos, que se queriam igualar, e fallou do recibo dizendo ser um documento que tinha sido entregue ao sr. conselheiro Sampaio para instruir um processo pendente no tribunal de contas, documento que não apparecia junto ao processo, pelo que ficou este sem resolução com grave prejuizo das pessoas interessadas; e que a publicação do recibo na «Revolução de Setembro» denota que o sr. Sampaio os subtrahira do processo.

A esta gravissima accusação responde hoje a *Revolução* que o *Portuguez* ha de ser forçado a engolir todas aquellas infamias.

Esta polemica entre os dois jornaes parece que ha de ter um tragico resultado. O sr. Cesar de Vasconcellos, commandante da guarda municipal de Lisboa, quer desafrontar o nome do seu irmão, visconde de Torres Novas e governador da India, intende que as palavras da «Revolução são altamente offensivas da honra do mesmo visconde, e pertende uma desafronta em duello, para o que,segundo me informam, chegou a declarar ao sr. visconde de Sá da Bandeira, que pediria a sua demissão do commando. Os redactores do «Portuguez» tambem se consideram afrontados, por que a «Revolução» lhes chama ladrões, fallam aos seus amigos em duello de morte, e provocam pessoalmente no jornal o sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio.

São para lamentar estas desagradaveis consequencias dos excessos da imprensa.

—O nobre ministro da marinha, sempre incansavel no desempenho dos seus deveres, e tomando muito a peito o engrandecimento da nossa marinha, e de toda a repartição a seu cargo, mandou organisar uma nova divisão naval, chamada reserva, composta da nau «Vasco da Gama», das corvetas «Goa» e «D. João» brevemente esperada neste porto, e do transporte «Martinho de Mello», a qual será commandada pelo sr. João da Silva Carvalho, ultimamente graduado na patente de Vice-Almirante.

Esta divisão que em breve deve estar completamente organisada, tem por fim amestrar as tripolações nos exercicios regulares, concorrendo para o lustre da marinha portugueza. E' este um dos bons serviços que o sr. Mendes Leal tem prestado ao paiz.

—O sr. Antonio Raphael Rodrigues Sette, capitão-tenente da armada, e director interino da primeira direcção da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, acaba de ser nomeado effectivamente naquelle emprego. E' um despacho justissimo, porque o sr. Sette é um funccionario muito activo, muito intelligente, e muito probo, a quem muito devs a repartição que dirige.

A opposição que se cansa a defender o roubo industrioso de Braga, anda a prégar ás turbas, que as palavras da proclamação do Rei, com respeito á promessa da real clemencia para os que se apresentassem no praso de 3 dias, querem dizer, que os insurgentes seriam perdoados. Esta interpretação cerebrina revela o estado mental da opposição, e manifesta claramente que são grandes e pungentes os desgostos que lhe produziu o desenlace da farçada. O Rei promettendo a sua real clemencia aos criminosos, não lhes prometteu amnistia; assegurou-lhes que as suas penas seriam minoradas por S. M. no exercicio do seu poder. Pronunciem primeiro os tribunaes as suas sentenças sobre os crimes praticados, e depois o rei cumprirá a sua promessa. O caso não é para amnistia, é sujo de mais para tanta gloria. E' preciso punir severamente os que atacam a vida e a propriedade dos cidadãos. D'esses patriotas está cheio o Limoeiro.

Na terça-feira sahiu de Gibraltar a esquadrilha que vae buscar a nossa futura rainha. Aviagem foi magnifica. O telegramma que deu ao governo esta noticia, disse que nem as senhoras haviam enjoado.

— Vamos ter em Lisboa um dos mais uteis estabelecimentos de caridade, que a sciencia social tem creado.

E' o estabelecimento de uma *Creche*, casa que se destina a receber todos os dias as creancinhas das pessoas pobres, guardando as nas horas em que seus paes estão occupados nos seus trabalhos, e alimentando-as convenientemente, isto até a idade em que as mesmas creancinhas possam entrar nos asylos da infancia.

Estes estabelecimentos fazem diminuir a mortandade dos filhos das pessoas pobres, e o numero das exposições nas misericordias, porque a sua creação sendo cuidadoso, como é, não se torna penosa para os paes.

Ao sr. João Carlos Pessoa de Amorim, administrador do Bairro d'Alfama, se deve a iniciativa deste importante estabelecimento; s. ex.ª dirigiu-se ás pessoas abastadas do seu bairro, e obteve a promessa de uma dicidida protecção á *Creche* para as creanças pobres d'Alfama.

— Ja se acham em Lisboa os corpos de caçadores n.º 4 que vieram do Algarve, e o de infanteria n.º 11, vindo de Abrantes.

— Os militares revoltosos de Braga vão ser destribuidos pelos corpos de Lisboa, e responderão depois a conselho de guerra.

— Um dos membros da sociedade das sciencias medicas participou na ultima sessão o seguinte facto:

Um estudante de medicina, o sr. Antonio Christino das Neves, falleceu ultimamente em virtude de ter recebido uma contusão na occasião em que no hospital dessecava um cadaver.

A contusão de pequena extensão foi feita por uma pinça entre o segundo e o terceiro dedos da mão direita. Sobreveiu uma inflamação phlegmonosa de todo o membro com fluctuação no dorso da mão. Fez-se ahi uma incisão, e depois outras a diversas distancias de modo que no fim de tres dias saía puz por seis ou sete aberturas. Ao apparecimento da inflamação succedeu um estado geral com tendencia para a ataxica, gorgorejo na possa iliaca direita, e delirio. Com o tratamento local e geral limitou se a inflamação e modificou-se a exarcebação ataxica, chegando a remittencia da febre a converter-se em intermitencia, o que fez nascer a esperança de que o doente se salvaria, mas um accesso violento com caracter pernicioso e intenso delirio pozlhe termo á vida.

## MOVIMENTO DA BARRA

**Aveiro 19 de setembro**

**Sahidas**

VILLA DO CONDE Hiate port. «Deus Sobretudo», m. J. S. Ré, 7 pes, de trip., sal.

**Entradas em 20**

PORTO Bateira port. «Olho Vivo». m. D. d'Angelica, 5 pes. de trip., sal.

**Saídas**

PORTO Hiate port. «Bragança», m. D. da Rocha, 9 pes. de trip., sal.
IDEM Hiate por. «Cruz 3.º», m. A. S. Amaro, 9 pes. de trip., sal.
IDEM Hiate port. «Santa Cruz», m. A. d'A. Laborinho, 9 pes, de trip., sal.
IDEM Rasca port. «Conceição d'Aveira», m. F. de Mottos, 9 pes. de trip., sal.
IDEM Rasca port. Senhora do Pilar m. S. da S. Marques, 10 pes. de trip., sal.
IDEM Rasca port. «Carilina», m. J. A. de Pinha, 13 pes. de trip., sal.

**Entradas em 21**

VILLA DO CONDE Hiate port. «Conceição Feliz», m. F. d'Oliveira, 7 pes. de trip., vazio.
PORTO Cahique port. «Perola do Voga», m. M. Vidente, 8 pes. de trip., lastro.

**Em 22**

LISBOA Hiate port. «Bôa Fortuna», m. J. J. da Rocha, 7 pes. de trip., uma machina de ferro para a empreza Salamanca.
S. MARTINHO Hiate port. «Cruz 2.º» m. J. da Rocha, 6 pes. de trip., lastrs.

## ANNUNCIOS


**No domingo 28 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria da direcção das obras publicas em Aveiro, ha de andar em praça a arrematação dos trabalhos necessarios para a conclusão dos dois laços desta estrada, comprehendidos entre Esgueira e o Cruzeiro da villa d'Eixo.**

**Quem quizer arrematar todos aquelles trabalhos ou parte d'elles, deverá comparecer á hora indicada no referido local, onde serão recebidos os differentes lanços.**

**Secretaria da secção em Eixo 20 de setembro de 1862.**

**J. J. de Brito Rebello**

**Tenente Chefe da Secção.**

Carta d editos pelo tempo de 60 dias, a intimar todas e quaesquer pessoas, que se julguem com direito a ser herdeiros do fallecido Antonio da Silva Paiva, morador que foi nesta cidade de Avero.

O bacharel Manuel José Marques da Silva Tavares, administrador do concelho de Aveiro etc.

Faço saber, que por accordão do tribunal de contas, proferido no processo da conta de responsabilidade do fallecido Antonio da Silva Paiva, como recebedor do concelho desta cidade, foi o mesmo julgado quite para com a Fazenda Publica, com relação ao tempo da sua gerencia desde o 1.º de julho de 1850, até 26 de abril de 1858; e devendo o mesmo accordão ser intimado a seus herdeiros e representantes, afim de poderem allegar o que lhes convier a bem de sua justiça, nos termos dos artigos 140 e 152 do regimento do mesmo tribunal, de 6 de setembro de 1860; por isso chamo e intimo pela presenta carta d'editos, e hei por chamadas e intimadas todas e quaesquer pessoas que se julgarem com direito a ser herdeiros do dito fallecido Antonio da Silva Paiva, para que no praso de sessenta dias, a contar da data de hoje, possam allegar, querendo, perante aquelle tribunal o que lhes convier ácerca do referido no dito accordão, com pena de revellia, e para o fim de se haver definitivamente saldada a mencionada gerencia

E para constar mandei passar e affixar o presente, e outros d'igual theor nos logares publicos e do costume.

Administração do concelho d'Aveiro 3 de setembro de 1862. — E eu José Ferreira Corrêa de Souza, escrivão que a subscrevi.

*Manuel José Marques da Silva Tavares.*

# EDITAL

O presidente da junta dos repartidores da contribuição industrial neste concelho d'Aveiro, em cumprimento do artigo 1.º da carta de lei de 7 de julho de 1862, faz saber que se acha concluida a matriz da contribuição industrial, relativa ao presente anno conforme detremina o art.º 42, das instrucções de 25 de setembro de 1861, e porisso convida todos os contribuintes a examinal-a pelo espaço de 10 dias successivos, que começam no dia 18 do corrente mez na casa das sessões da junta desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, sendo-lhes permittido reclamar quando do exame fiquem convencidos de que houve:

Erro na designação de possoas e moradas, ou emprego, profissão, industria, arte ou officio.

Injusta designação de classe.

Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Inexactidão na designação do facto ou factos sobre que tenha de recahir a contribuição.

As reclamações podem ser feitas pelos proprios collectados, ou por outras pessoas dentro do praso estabelecido, escriptas em papel sellado, e sellados todos os documentos com que forem instruidas.

E para constar se passou o presente e outros de igual theor, que serão publicados e affixados nos logares marcados por lei.

Repartição de Fazenda do concelho d'Aveiro 15 de setembro de 1862. — O presidente, Manoel José Marques da Silva Tavares.

# QUADROS D'ALMA

OU

## A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS

POR

**Porphyrio José Pereira**

Um volume em 8.º grande, br. com o retrato do auctor. — Aha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.



RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel*

**Typ. do Districto de Aveiro.**